

Em Moscovo tudo é silêncio. É raro, muito raro, o chiar das rodas pela calçada invernosa. Já não há luzes nas janelas, os lampiões também se apagaram. Das igrejas chega o badalar dos sinos, baloiça sobre a cidade dormente e lembra que a manhã está prestes a despontar. As ruas estão desertas. De vez em quando, um cocheiro nocturno esmaga com os estreitos patins do seu trenó a neve misturada com areia, pára noutra esquina e adormece, à espera de algum passageiro. Uma velha passa, dirigindo-se à igreja onde, reflectidas nos caixilhos dourados, as velas de cera dispostas de modo assimétrico já erguem as suas chamas vermelhas. Os operários já se levantam depois da longa noite invernal, vão trabalhar.

Os senhores, esses, prolongam o serão.

Numa das janelas do restaurante Chevalier, por trás do contravento fechado, entrevê-se uma luz ilícita. Em frente da porta da rua estão um coche, um trenó e alguns carros de praça, de traseiras apertadas contra traseiras. Ao lado, uma troica da posta. O guarda-varredor, agasalhando-se, esconde-se por trás da esquina, todo encolhido.

«Badalam, badalam! — pensa o lacaio de cara extenuada, sentado no vestíbulo. — E sobra sempre para mim!» Da sala vizinha, bem iluminada, chegam as vozes de três jovens. Estão à mesa com os restos do jantar e do vinho. Um deles, pequeno, muito asseado, magro e feio, está sentado, sem desviar os olhos bondosos do outro, pronto para partir de viagem. O segundo jovem, alto, deitado ao lado da mesa cheia de garrafas vazias, brinca com a chave da corda do relógio. O terceiro, de peliça curta novinha em folha, anda pela sala e, parando de vez em quando, parte amêndoas com os dedos bastante grossos e fortes, mas de unhas bem cuidadas, e não deixa de sorrir;

ardem-lhe os olhos e a cara. Fala acaloradamente e gesticula; vê-se, porém, que lhe faltam palavras, e que todas as que encontra lhe parecem insuficientes para exprimir o que lhe vai na alma. Não deixa de sorrir.

— Já posso dizer tudo! — diz o viajante. — Não é para me justificar, mas quero que, pelo menos, me compreendas tal como eu próprio me compreendo, e não como o vulgo encara as coisas. Dizes que sou culpado para com ela — dirige-se ao jovem de olhos bondosos.

— Acho que és — responde o outro, pequenote e sem graça, parecendo mostrar ainda mais bondade e cansaço nos olhos.

— Sei porque falas assim — diz o viajante. — Na tua opinião, ser amado é uma felicidade igual à de amar e, uma vez conseguida, basta para sempre, para toda a vida.

— Sim, alminha, é quanto basta. É mais do que suficiente — confirma o pequeno e desengraçado, abrindo e fechando os olhos.

— Mas não será importante que nós próprios amemos? — diz o viajante, e fica pensativo, olhando para o amigo com uma espécie de lástima. — Porque não se ama? Porque não calhou... Não, sermos amados é uma desgraça quando sentimos que não correspondemos e que somos incapazes de o fazer. Ah, meu Deus! — abanou a mão. — Se as coisas corresse com sensatez, mas não, fica tudo virado do avesso, à sua própria maneira e não à dos nossos desejos. Parece que roubei este sentimento. Também pensas assim; não o negues, tens de pensar assim. Não sei se acreditas, mas, entre todas as asneiras e porcarias que fiz na vida, é a única de que não me arrependo nem me posso arrepender. Não lhe menti, a ela, e a mim próprio também não, nem no início nem mais tarde. Parecia que finalmente me tinha apaixonado, mas depois vi que era mentira, involuntária mas mentira, que não era possível amar assim, e não pude continuar, mas ela continuou. Terei culpa de não ser capaz? O que podia eu fazer?

— Bem, agora já acabou! — replicou o amigo, acendendo o charuto para vencer a sonolência. — Só uma coisa: ainda não amaste nem sabes o que é amar.

O jovem da peliça curta quis responder e levou as mãos à cabeça. Mas não conseguia exprimir a sua ideia.

— Não amei! É verdade, não amei. Mas também é verdade que há em mim o desejo de amar, e não pode haver um desejo mais forte! Além disso, será que um amor assim existe? Fica sempre qualquer coisa incompleta. Aliás, é inútil falar disso. Criei uma grande confu-

são na minha vida. Mas agora tudo acabou, nisso tens razão. Sinto que vai começar uma vida nova.

— Em que vais arranjar uma nova confusão — disse o jovem deitado no sofá a brincar com a chave do relógio; o viajante, porém, não o ouviu.

— Vou partir, e é triste para mim, mas também estou contente — continuou ele. — Não sei porque hei-de estar triste.

E o viajante voltou a falar só de si, sem reparar que isso, para os outros, não era muito interessante. O homem nunca é mais egoísta do que ao falar dos seus enlevos. Considera que nesses momentos não há nada mais maravilhoso e interessante no mundo do que a sua pessoa.

— Dmíttri Andréévitch, o cocheiro não quer esperar mais! — disse-lhe o seu jovem criado, entrando já agasalhado com peliça e cachecol. — Está ali desde as onze, e já são quatro da madrugada.

Dmíttri Andréévitch olhou para o seu Vaniucha. No cachecol, nas botas de feltro, na cara sonolenta do criado havia qualquer coisa que o fazia lembrar uma vida diferente — de apelo ao trabalho, às provocações, à actividade.

— De facto... Bom, adeus! — disse Dmíttri Andréévitch, procurando às apalpadelas um colchete ainda por apertar.

Apesar dos conselhos para que desse mais dinheiro ao cocheiro para esperar, pôs o gorro e parou no meio da sala. Trocaram beijos — uma vez, outra vez, depois pararam, depois beijaram-se pela terceira vez. O da peliça curta foi até à mesa, emborcou um copo, pegou na mão do homenzinho pequeno e sem graça e corou.

— Não, tenho de o dizer... Tenho de ser sincero contigo, e posso sê-lo porque gosto de ti... Ama-la, não é? Sempre me pareceu... É verdade?

— É verdade — respondeu o amigo, sorrindo com uma ternura ainda maior.

— Então, se calhar...

— Por favor, já me mandaram apagar as velas — disse o sonolento lacaio que, ao ouvir a última conversa, matutava na mania que os senhores tinham de martelar sempre no mesmo ponto. — Faço a conta em nome de quem? Do senhor? — acrescentou, dirigindo-se ao homem alto e sabendo de antemão que só podia ser esse a tratar da conta.

— Pago eu — disse o alto. — Quanto é?

— Vinte e seis rublos.

O homem alto pensou um pouco, não disse nada e meteu a conta no bolso.

Entretanto, os outros dois continuavam a falar.

— Adeus, és um excelente rapaz! — disse o baixote sem graça olhando-o com os mesmos olhos meigos.

Os olhos de ambos marejaram-se de lágrimas. Saíram para o umbral.

— A propósito! — disse o viajante, corando e dirigindo-se ao mais alto. — Paga a conta do Chevalier e depois escreve-me.

— Está bem, está bem — respondeu o alto, calçando as luvas. — Invejo-te muito! — acrescentou subitamente quando saíram.

O viajante sentou-se no trenó, agasalhou-se com a peliça e disse: «Ora bem! Vamos lá!» — e até se afastou, dando o lugar ao homem que confessara invejá-lo; a sua voz tremia.

O amigo disse: «Adeus, Dmíttri, que Deus te dê...» Porém, queria apenas que ele partisse depressa, não queria mais nada; por isso não conseguiu dizer o que desejava que Deus lhe desse.

Calaram-se. Alguém repetiu: «Adeus.»

Alguém disse: «Vai!» E o cocheiro arrancou.

— Elizar, o coche! — gritou um dos senhores.

Os cocheiros mexeram-se, estalaram os lábios e puxaram as rédeas. O coche gelado começou a avançar, chiando na neve.

— Este Olénin é bom rapaz — disse um dos senhores. — Mas que ideia é esta de ir para o Cáucaso como *junker*¹? Eu não ia, por dinheiro nenhum... Amanhã almoças no clube?

— Almoço.

E despediram-se.

O viajante tinha calor, sentia a peliça quente de mais. Sentou-se no fundo do trenó, abriu o agasalho, e a troica arrastou-se, virando da rua escura para uma outra, ao longo de prédios desconhecidos. Olénin teve a sensação de que apenas aqueles que partiam de viagem atravessavam aquelas ruas. À volta dele era tudo escuro, silencioso, triste, e a sua alma transbordava de recordações, de amor, de pena e de lágrimas que a oprimiam deliciosamente...

2

«Adoro-vos! Adoro mesmo! Queridos! Que bom!» — repetia, e apetecia-lhe chorar. Mas por que diabo lhe apetecia chorar? Quem era

querido? A quem adorava? Não o sabia bem. Por instantes, olhava para algum prédio e espantava-se: porque tem esta forma estranha? Outras vezes surpreendia-se a pensar que o cocheiro e o Vaniucha, pessoas que lhe eram tão alheias, se encontravam muito perto dele e que estremeciam e baloiçavam juntamente com ele quando os cavalos laterais puxavam bruscamente, esticando os tirantes gelados, e voltava a repetir: «Queridos! Adoro-vos!» — e chegou uma vez a dizer: «Bem feito! Excelente!» Espantou-se com as suas próprias palavras e perguntou a si mesmo: «Não estarei bêbedo?» Na verdade, tinha bebido pelo menos duas garrafas de vinho, mas não era apenas o vinho a causar aquele efeito em Olénin. Recordava todas as palavras de amizade antes da partida, palavras que lhe pareciam cordiais, ditas pelos amigos de um modo tímido, como que em esforço. Recordava os apertos das mãos, os olhares, os silêncios, o som das vozes a dizerem: «Adeus, Dmítiri!», quando já estava sentado no trenó. Recordava a sua própria franqueza resoluta. Tudo isso tinha para ele um significado comovente. Antes da sua partida, era como se as pessoas, e não só os amigos e os familiares, e não só as pessoas indiferentes, mas até as antipáticas e as malévolas, todas, tivessem apostado entre elas ganhar-lhe amor, perdoar-lhe, como na confissão ou antes da morte. «Se calhar, o meu destino é não voltar do Cáucaso» — pensava. E parecia-lhe que gostava dos seus amigos e de mais alguém. E tinha pena de si. Mas não era o amor pelos amigos que lhe enternecia e lhe elevava a alma de tal modo que lhe saíam palavras sem sentido, ditas espontaneamente, nem era o amor por uma mulher (ainda não tinha amado) que o punham naquele estado de ânimo. Era o amor por si próprio, um amor ardoroso, cheio de esperanças, um amor jovem por tudo o que era bom na sua alma (nesse momento, parecia-lhe que tudo nele era bom), que o fazia chorar e murmurar palavras desconexas.

Olénin era um jovem que não completara quaisquer estudos, que não prestara serviço em lado nenhum (apenas estava inscrito formalmente numa repartição), que já desbaratara metade da sua fortuna e que, aos vinte e quatro anos, ainda não tinha escolhido qualquer carreira. Regra geral, não fazia nada. Era o que, na sociedade moscovita, se chamava «um jovem».

Aos dezoito anos, Olénin era tão livre como apenas eram livres os ricos jovens russos dos anos 40 a quem tinha acontecido ficarem sem os pais muito cedo. Para ele, não existiam peias, nem físicas nem morais; podia fazer tudo e não precisava de nada, não tinha quaisquer